

Manuel António Pina, o poeta sonhado

Antonio Sáez Delgado¹

*Chamo-lhe Literatura porque não sei o nome de isto. ("Transforma-se a coisa escrita no escritor", in *Aquele que quer morrer*).*

Manuel António Pina (1943-2012), poeta, cronista, narrador, jornalista, dramaturgo, tradutor, autor de guiões para cinema e televisão, de obras para banda desenhada e de literatura infanto-juvenil: um escritor total com uma obra construída em vários edifícios paralelos com uma única sede central, a poesia. Tenho para mim que a obra poética de Manuel António Pina habita como poucas um espaço próprio e irrenunciável dentro da tradição lírica portuguesa do último século, com uma voz singular e intransferível que será, conforme passem os anos, cada vez mais apreciada como uma das mais genuínas e lúcidas do seu tempo.

Pina começa a publicar livros de poemas em 1974 (*Ainda não é o fim nem o princípio do mundo calma é apenas um pouco tarde*) e permanece activo até 2011 (*Como se desenha uma casa*), edificando uma obra de uma fidelidade temática e de um rigor estilístico raros na poesia portuguesa contemporânea, através de títulos como *Aquele que quer morrer* (1978), *Nenhum sítio* (1984), *O caminho de casa* (1989), *Um sítio onde pousar a cabeça* (1991), *Farewell happy fields* (1992), *Cuidados intensivos* (1994), *Nenhuma palavra e nenhuma lembrança* (1999), *Atropelamento e fuga* (2001) e *Os livros* (2003), todos eles publicados recentemente como poesia reunida, em 2012, sob o título *Todas as palavras*.

Nesse amplo percurso de quase quatro décadas, Manuel António Pina soube permanecer fiel a si mesmo, e soube encontrar aquele a quem era fiel num Manuel António Pina que foi espectador atento do devir das correntes estéticas dos anos sessenta e setenta, mas também observador céptico dos pequenos cânones que se iam impondo no meio literário, entre os ecos neo-realistas, o neo-modernismo de *Poesia 61* e o vanguardismo da *Poesia Experimental*. Entre eles, Manuel

¹ Universidade de Évora. Centro de Estudos Comparatistas FLUL.

António Pina foi um “heterodoxo”, em palavras de Arnaldo Saraiva,² um poeta isolado no centro da sua própria galáxia, que bebe de fontes diversas, juntando Fernando Pessoa ou Mário Cesariny com Jorge Luís Borges ou T.S. Eliot, e consegue interpretar a equação entre tradição e vanguarda como um quiasmo conceptual que não oculta a possibilidade de encontrar a vanguarda na tradição e, em paralelo, de acreditar na existência de uma tradição da vanguarda de que se sente participante. E tudo isto o faz Pina com uma obra poética em que parece escrever sempre não já o mesmo poema, mas o “mesmo livro”, na acepção que concede a esse sintagma Andrés Trapiello, através de quadras tradicionais que dialogam com a concisão das formas orientais para permitir ao leitor assistir ao palco onde se leva a cabo o moderno espectáculo da identidade e o seu labirinto, onde a voz única e múltipla de Manuel António Pina procura compreender o mundo.

Real, real, porque me abandonaste? (“A ferida”, in Os livros).

O real é uma presença nítida na dialéctica que estabelece a obra de Manuel António Pina. Um real que revela várias faces, que se constrói e desconstrói à volta das palavras e da possibilidade da linguagem. No entanto, não custa, como escreveu recentemente Pedro Mexia, imaginar “que o Pina tenha achado graça quando viu traçarem aquele fugaz Tordesilhas entre o ‘real’ e o ‘sublime’ na poesia portuguesa”.³ De facto, o *regresso ao real*, que tanta polémica desencadeou desde que Joaquim Manuel Magalhães se referiu a ele nos anos setenta como uma das ferramentas de inflexão da poesia portuguesa do momento, e que tem sido tantas vezes interpretado (quer pelos críticos, quer pelos poetas) numa clave estreita e redutora, apenas como “empirismo sensista”⁴, dificilmente se aplica à poesia de Pina, apesar do diálogo que ela estabelece com o conceito de “real”. Aquele velho debate, explorado por vezes até ao fastio, e não exclusivo da lírica portuguesa dos setenta e oitenta em diante, tomava como referente crítico a obra de Robert Langbaum *The Poetry of Experience. The Dramatic Monologue in Modern Literary Tradition* (1957) e deixou feridas por vezes divertidas e por vezes cruéis, sempre abertas com facas de ficção, mas que escorreram (e algumas continuam a escorrer) sangue *real*, impedindo com frequência que se obtivesse uma visão mais nítida e integradora da lírica do momento. Por isso, não é de estranhar que o poeta adopte uma perspectiva lúcida e integradora relativamente

² Arnaldo Saraiva, “Uma sombra que nos ilumina”, in *Iberografias*, n.º 8, Guarda, Centro de Estudos Ibéricos, 2012, p. 109.

³ Pedro Mexia, “O Pina”, in *Ler*, n.º 118, novembro de 2012, p. 4.

⁴ Cf. António Cândido Franco, “Posfácio”, in Ruy Ventura, *Contramina*, Évora: Licorne, 2012, p. 79.

a este assunto, quando questionado pelo “regresso ao real”:

Eu penso que esse regresso ao real é uma questão geracional. Voltamos à memória. É também uma forma de escrever contra a memória. Mas a poesia nunca esteve afastada do real. Toda a poesia, toda a escrita radica no real. Mais radicalmente, passe o pleonasma, ou mais superficialmente. O real quotidiano, provavelmente, é uma forma de realidade não mais real do que a realidade do Ser. Não vejo, aliás, nisso, propriamente uma novidade.⁵

A poesia de Manuel António Pina, porém, está sempre em contacto com o real e interroga-se sobre ele, utiliza com frequência as palavras e o tom do realismo, mas trata-se dum realismo integral, poderíamos dizer, com Jorge de Sena, um “realismo fenomenológico”,⁶ do qual fazem parte também até a fantasia e o delírio onírico. Nessa ideia de realismo e de real, com que o poeta amiúde ironiza e que serve de base de operações para o desenvolvimento da sua rede temática, ganha uma dimensão considerável o conceito de “correlato objectivo” que T. S. Eliot considerava a única forma de expressar a emoção em forma de arte, através de um grupo de objectos, de uma situação ou de uma cadeia de acontecimentos que serão a fórmula dessa *emoção concreta*. De facto, a poesia de Manuel António Pina está cheia de emoções concretas que são, exactamente por isso, plenamente universais, que falam da experiência do homem não só a partir da sua própria *vida real*, mas também da experiência que o próprio poema cria ou recria, através da memória e do intelecto como filtros das emoções.

Ah sim, claro, o real. (“Emet”, in Os livros).

Em 2009 tive a oportunidade de fazer uma pequena entrevista a Manuel António Pina para um jornal espanhol. Nessa conversa o poeta evocava as suas memórias de Espanha: o sabor do pão aos domingos da infância, a leitura do D. Quixote com catorze anos, o interesse pela Guerra Civil... Questionado sobre o melhor que encontrou em toda a sua relação com o país vizinho, o poeta não hesitou em responder: “a descoberta da poesia, irmã (até onde me é dado sabê-lo) da minha, de Jaime Gil de Biedma.”⁷

Esta afirmação é extremamente interessante, e extremamente verdadeira. Não há provavelmente em toda a poesia ibérica do último século uma voz tão próxima da de Manuel António Pina como a do poeta catalão Jaime Gil de Biedma (1929-1990), ou, melhor, não há provavelmente em toda a poesia ibérica do

⁵ Manuel António Pina, *Dito em voz alta. Entrevistas sobre literatura, isto é, sobre tudo* (apresentação de Inês Fonseca Santos), Coimbra, Pé de Página Editores, 2007, p. 48.

⁶ Cf. Jorge de Sena, *Sobre teoria e crítica literária*, Porto: Caixotim, 2008, p. 66.

⁷ Diário *Hoy*, Badajoz, 28 de Novembro de 2009.

último século uma voz que dialogue tão abertamente com a de Jaime Gil de Biedma como a de Manuel António Pina. A poesia do nosso autor, tão reflexiva e metafísica como céptica e irónica, que olha de relance para Fernando Pessoa ou Mário de Sá-Carneiro enquanto pisca um olho a Mário Cesariny, encontra na obra de Gil de Biedma a sua verdadeira tradição literária ibérica, com uma extraordinária habilidade, compartilhada com o espanhol, para transfigurar o real através de um processo de afastamento da perspectiva do eu, relativizando as próprias marcas indeléveis desse mesmo real, do qual se serve da mesma forma que da ideia de “experiência”.

O próprio Gil de Biedma frisou numa das suas glosas sobre o livro de Langbaum que para o poeta moderno a poesia não constitui uma imitação da realidade, mas o simulacro de uma experiência que consiste no esforço do poeta por descobrir o seu significado exacto. Isto é, em Pina, como em Gil de Biedma, a experiência em que assenta a poesia, entendida como indagação e não apenas como comunicação duma realidade externa (e pensamos de novo na ideia do “correlato objectivo”), é criada no poema através dum olhar crítico sobre os estímulos gerados pela memória e o intelecto. Poderíamos aplicar a Manuel António Pina as palavras que James Valender escreve sobre o catalão: “la experiencia que se comunica al lector es, más que el mero recuerdo de tal o cual episodio, el proceso mismo de medir y valorar el significado que ese episodio pudiera tener, tanto para el propio poeta como para su posible lector”.⁸

Como parece evidente, para que essa experiência seja criada ou recriada, o poeta deve afastar-se dela e servir-se das armas da ironia ou até da criação de personagens (as “personagens heterónimas” que Manuel António Pina apresenta nos seus primeiros livros ou a própria personagem chamada Jaime Gil de Biedma no caso do autor espanhol). Assim, essa possibilidade de indagar os limites das palavras e do real, talvez até do deslumbramento do silêncio, sem empregar uma linguagem anti-realista e sem construir uma poética do silêncio, transforma-se numa das características próprias do poeta. Trata-se da formulação de um enigma permanente que parece acreditar por vezes mais na realidade da literatura do que na realidade do real, mas que acaba sempre por assumir, especialmente desde *Cuidados intensivos* (1994), uma relação mais estreita com o campo da crueldade, e que transporta o leitor da opção pela negatividade dos primeiros títulos para uma aceitação do jogo reflexivo e auto-reflexivo que se manifesta através do discurso interrogativo e de uma tensão activa entre interioridade e exterioridade. Pina, como Biedma, escreve com frequência contra si mesmo, contra Manuel António Pina, contra os limites do mundo e da linguagem uma vez aceites os limites da vida. E fá-lo sempre, como o poeta catalão, com um

⁸ James Valender, “Introducción”, in Jaime Gil de Biedma, *Obras. Poesía y prosa* (ed. Nicanor Vélez), Barcelona, Galaxia Gutenberg/Círculo de lectores, 2010, p. 10.

sorriso entre linhas. A de Pina é uma poesia triste que com frequência nos faz sorrir.

É duro sonhar e ser o sonho (“[Tudo à minha volta]”, in *O caminho de casa*).

Essa ideia de “distância”, já presente no conceito de “correlato objectivo”, é uma das características principais da poesia de Manuel António Pina e uma das suas marcas de identidade, muitas vezes em articulação com a presença do “sonho”, numa evidente filiação borgeana. A ideia de sonho serve ao poeta para conseguir essa distância necessária para assumir um discurso em que a tensão emocional do sujeito, não isenta de uma condição trágica, é em certa medida desdramatizada ou relativizada pela consciência duma memória múltipla, que se constrói e desconstrói com frequência através dos mecanismos do paradoxo. O Jorge Luís Borges de textos como “Borges y yo”, “El sueño” ou “Sueña Alonso Quijano”, para além do criador de “Funes el memorioso”, torna-se numa referência imprescindível à luz da obra de Pina, sendo, aliás, o autor estrangeiro que mais vezes refere nas suas entrevistas. O argentino parece ser, de facto, um dos referentes mais importantes na própria tradição literária (e vital, muito provavelmente) do poeta, qualquer coisa como uma fonte de respostas às suas inquietações, apesar de serem essas respostas pouco mais (ou pouco menos, poderíamos dizer) do que novas e maiores perguntas e interrogantes. O gosto pelo paradoxo e pelos jogos de palavras, a presença incontornável da memória e do exílio da infância são outros temas caros a ambos os poetas, e que Manuel António Pina trabalha na sua obra a partir de uma visão borgeana.

A ideia do sonho como antídoto da própria vida (“O que eu fui sonha, / e eu sou o sonho”, in “Os olhos”, *Nenhum sítio*), como transfiguração do real através da memória (ou da impossibilidade da memória) ou, talvez, como aproximação ao tema da identidade e da cisão do sujeito, situa a poesia de Pina numa tradição plenamente moderna em que Borges ocupa um lugar notável, e em que as vozes de Fernando Pessoa ou Mário de Sá-Carneiro também ressoam na distância.

São elas, as tuas palavras, quem diz “eu” (“Tanto silêncio”, in *Os livros*).

No entanto, é impossível separar na obra poética de Manuel António Pina conceitos como “memória”, “identidade” ou “sonho” do campo da “literatura”, que serve sempre de pano de fundo para essas relações, em constante equilíbrio

instável aos olhos do leitor. Nesse campo, em que o sujeito entra com precaução mas sem remédio, a literatura vai tomando conta do real e as palavras transformam-se no único caminho possível para tentar atingir o que verdadeiramente importa, apesar da sua própria (e com frequência sublinhada pelo poeta) precariedade. As palavras são, em suma, o único caminho para compreender o mundo e, em paralelo, a manifestação extrema do fracasso activo da memória. Daí que dê a impressão de que, por vezes, para Manuel António Pina, o poema é, como para Hans Magnus Enzensberger, um “utensílio de uso” cuja missão é revelar as falácias da linguagem quotidiana.

Estamos, portanto, no espaço da inevitabilidade, num terreno em que a escrita fecha o círculo entre o autor, a personagem criada e a própria trama gerada por ele, que acaba por criar *realmente* o autor. Num poema fundamental do seu primeiro livro, “Destá maneira falou Ulisses”, escreve o poeta: “Literatura que faço, me fazes. / (Ó palavras!) Mas eu onde estou ou quem?” (p. 23), numa ideia que se repete obsessivamente no resto da sua obra. Esta situação conduz o leitor, muito borgeanamente também, por uma vereda em que contempla e confunde dualidades muito caras à poesia de Manuel António Pina, e que funcionam como perguntas sem resposta que ecoam permanentemente na ideia de “memória” assente na sua poesia: realidade e ficção (se é que podemos falar nestes termos) aparecem assim sob a máscara da dualidade real/sonho, fazendo parte dessa interessante lista de paradoxos que o autor explora de novo em sintonia com alguns dos tópicos mais nítidos do modernismo, tantas vezes interpretados de forma exclusiva (e exclusivista, poderíamos dizer) como fazendo parte da tradição dos poetas “à Pessoa”: eu/outro, dentro/fora ou poesia/prosa.

De facto, a presença duma marca pessoana parece nítida em versos como “eu sou o lugar onde tudo isto se passa fora de mim” (de “Volto de novo ao princípio”, in *Aquele que quer morrer*), mas trata-se, na minha opinião, mais duma marca que assenta nas bases da consciência da pertença a uma “família de tradição modernista”, em que Pessoa ocupa um lugar incontornável, do que propriamente uma marca expressa e plenamente identificável apenas com o autor dos heterónimos enquanto *singularidade*. A partir deste princípio, a “literatura” e “os livros” crescem dentro desse jogo entre real e ficção, tantas vezes com a finalidade de desenhar fronteiras difusas entre a realidade das palavras escritas, dos livros, e a irrealidade ou a ficção daquele que as escreveu e que luta por se sustentar nesses elementos reais. Nessa tensão entre sonhar e ser o sonho sonhado situa-se o poema “[Tudo à minha volta]” (p. 136-7): “A realidade dos livros em cima da mesa / parece tão estritamente real! / As filhas falam, barulhentas e reais, / e eu próprio, em qualquer sítio, sou real.”, que dialoga abertamente com “Insónia” (também, como o poema anterior, de *O caminho de casa*) (p. 148): “No quarto ao lado as filhas falam alto. / E dou comigo procu-

rando rimas. / – E a alma? – Mas por esta altura / já tudo e eu próprio somos literatura...” O correlato objectivo criado pelo poeta através da presença das vozes das filhas conduz, no entanto, o leitor a uma expressão dessa incerteza de limites tão presente na poesia de Pina, em que ganha uma nova dimensão a afirmação de Borges que ele torna sua a cada página: “Eu sou todos os livros que li, todas as pessoas que conheci, todos os lugares que visitei”.⁹ Essa multiplicidade manifesta-se de forma aberta com uma vocação de *ficção real*, assente na ideia central de que o poeta é feito pela literatura, e não o contrário. Daí que a sua poesia seja em ocasiões tão difícil como humana, e daí também que seja com tanta frequência terreno propício para diálogos com outros autores, trazidos ao poema com a consciência de que “a literatura é uma arte / escura de ladrões que roubam a ladrões” (“Emet”, in *Os livros*, p. 340). Uma arte tão obcecada com as palavras e a sua possível explicação do mundo como com o silêncio que as rodeia.

Também o silêncio daquele que fala se calará (“Algumas coisas”, in Aquele que quer morrer).

Eduardo Lourenço referiu recentemente que Manuel António Pina era um romântico cujo espaço matricial “se paradoxo se consente é o da morte”.¹⁰ Em verdade, o território da morte é de facto substancial na sua poesia, como um extremo da cadeia da memória e das palavras que encontra no lado oposto a infância, o nascimento. Ambos os extremos representam esse ponto sempre de partida, o embrião duma poética em que o silêncio se revela amiúde como a única fórmula de compreensão, de revelação. O silêncio, neste caso, serve para acentuar a consciência de irrealidade gerada na experiência da leitura, em que prevalece a sensação de uma nova dimensão do real, que habita a realidade das palavras entendidas como uma casa fora do tempo e, provavelmente, do espaço (re)conhecido. Em Pina, que refere na sua poesia o nome de Wittgenstein, com quem partilha a preocupação pelo “jogo da linguagem”,¹¹ será possível admitir que a escrita se transforma numa tentativa de sair dos próprios limites da linguagem.

Nessa visão, uma das grandes preocupações da poesia do autor de *Todas as palavras* é espiar a tensão existente entre “as palavras”, uma das suas obsessões

⁹ Cf. A entrevista realizada ao poeta por Carlos Vaz Marques, recolhida em *Dito em voz alta*, ed. cit., p. 44.

¹⁰ Eduardo Lourenço, “Manuel António Pina – A ascese do eu”, in *Iberografias*, n.º 8, ed. cit., p. 103.

¹¹ Cf. Andoni Alonso Puellas, *El arte de lo indecible (Wittgenstein y las vanguardias)*, Cáceres, Universidad de Extremadura, 2002, p. 64.

permanentes, e o que poderíamos denominar “verdadeira linguagem”, enquanto aquelas levantam por vezes uma barreira que vela e oculta esta, numa dimensão em que o silêncio se transforma na resposta mais adequada perante os limites não já só do dizível e do indizível, mas do criável e do sonhável duma perspectiva identitária. Uma vez situados nesse espaço, podemos afirmar, com Inês Fonseca Santos, que “Silêncio e Palavra traduzem a possibilidade de se vencer a fiabilidade da linguagem”¹². E é por isso que no seio da poesia de Manuel António Pina encontramos o combate contra a literatura a partir da própria literatura, tal como encontramos o combate, em certa medida, contra Manuel António Pina a partir de Manuel António Pina.

Nesse ponto exacto, temas e recursos como a memória, a infância e o mistério do antes e do depois do tempo aparecem como enigmas através do núcleo germinal da preocupação pela presença da morte, sempre com uma melancolia algo céptica que esconde um novo enigma, maior, e de carácter ético: a possibilidade de encontrar as palavras que expliquem o mistério do mundo. É nesse labirinto, plenamente moderno, que devemos situar a poesia de Manuel António Pina, um poeta que escreveu o mesmo livro em cada livro que escreveu, um homem que se destacou pela sua solidez humana e, por essa ordem, intelectual. Tenho para mim que a sua será uma das vozes que melhor envelhecerá nas próximas décadas, que melhor se adaptará aos leitores do futuro. Quando isso acontecer, Pina será certamente um sonho sonhado, estritamente literatura, como provavelmente todos os que o lemos com paixão também o somos já, uma vez que ele nos deixou para sempre.

¹² Inês Fonseca Santos, *A poesia de Manuel António Pina. O encontro do escritor com o seu silêncio*, Lisboa: Departamento de Literaturas Românicas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2006, p. 21.